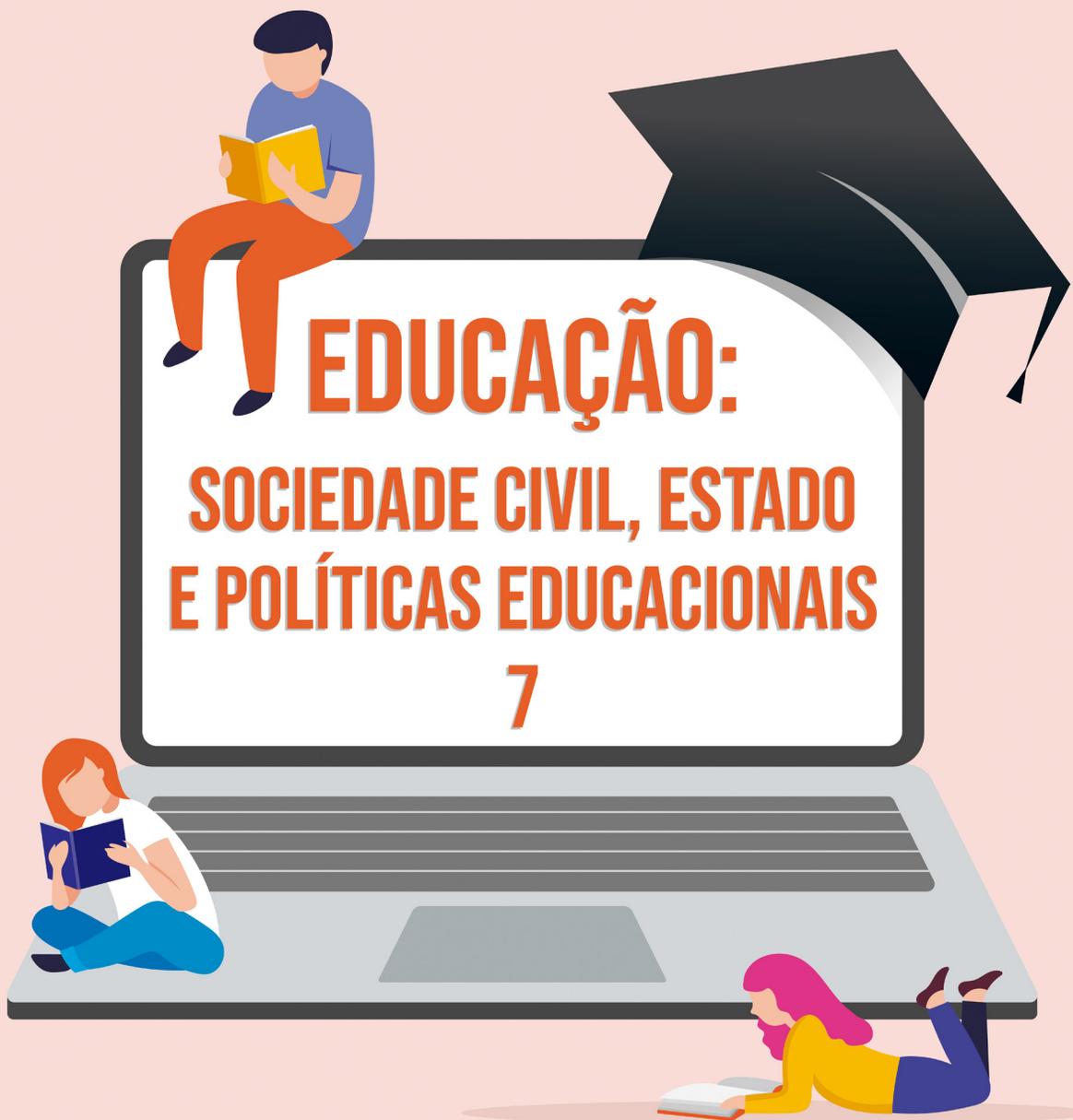


Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2021

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



EDUCAÇÃO:
SOCIEDADE CIVIL, ESTADO
E POLÍTICAS EDUCACIONAIS
7



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: sociedade civil, estado e políticas educacionais 7
/ Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-774-1

DOI 10.22533/at.ed.741212701

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da
(Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a repensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. Mesmo em 2021 e com a recente aprovação do uso emergencial das vacinas no Brasil, seguimos um distanciamento permeado por angústias e incertezas: como será o mundo a partir de agora? Quais as implicações do contexto pandêmico para as questões sociais, sobretudo para a Educação no Brasil? Que políticas públicas são e serão pensadas a partir de agora em nosso país?

E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro. Sabemos, partindo do que nos apresentaram Silva, Nery e Nogueira (2020, p. 100), que as circunstâncias do contexto pandêmico são propícias e oportunas para construção de reflexões sobre os diversos “aspectos relativos à fragilidade humana e ao seu processo de ser e estar no mundo, que perpassam por questões culturais, educacionais, históricas, ideológicas e políticas”. Essa pandemia, ainda segundo os autores, fez emergir uma infinidade de problemas sociais, necessitando assim, de constantes lutas pelo cumprimento dos direitos de todos.

Esse movimento sistemático de olhar para as diversas problemáticas postas na contemporaneidade, faz desencadear o que o que Santos (2020, p. 10) chamou de “[...] claridade pandêmica”, que é quando um aspecto da crise faz emergir outros problemas, como os relacionados à sociedade civil, ao Estado e as políticas públicas, por exemplo. É esse, ainda segundo o autor, um momento catalisador de mudanças sociais. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade, portanto, é um desafio, aceito por muitas professoras e professores pesquisadores brasileiros, como os compõe esse livro.

Destarte, as discussões empreendidas nesta obra, “**Educação: Sociedade Civil, Estado e Políticas Educacionais**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re)pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Reúne-se aqui, portanto, um conjunto de textos originados de autores e autoras de diferentes estados brasileiros e países.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestras, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem

os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

REFERÊNCIAS

SILVA, A. J. N. DA; NERY, ÉRICA S. S.; NOGUEIRA, C. A. Formação, tecnologia e inclusão: o professor que ensina matemática no “novo normal”. **Plurais Revista Multidisciplinar**, v. 5, n. 2, p. 97-118, 18 ago. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ENSINO REMOTO: ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE DO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

Iraneide Nascimento dos Santos

Isabela Nascimento dos Santos

Priscilla Vasconcelos Aguiar

Danielle Alessandra Souza de Holanda Cavalcanti

DOI 10.22533/at.ed.7412127011

CAPÍTULO 2..... 12

INTERFACES DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE MUDANÇAS CONSTANTES

Evandro Roque Rojahn

Júlio César Pinheiro do Nascimento

Roney Ricardo Cozzer

Samuel Cândido Henrique

DOI 10.22533/at.ed.7412127012

CAPÍTULO 3..... 24

POLÍTICAS EDUCACIONAIS E VALORIZAÇÃO DOCENTE NO BRASIL

Maria da Conceição de Moura Silva

Viviani Fernanda Hojas

Renata Cristina Lopes Andrade

DOI 10.22533/at.ed.7412127013

CAPÍTULO 4..... 38

POLÍTICAS EDUCACIONAIS: MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE ALUNOS DO ENSINO TÉCNICO NA VISÃO DE DOCENTES E GESTORES DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

Maurilio José Pereira

Adriana Leônidas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.7412127014

CAPÍTULO 5..... 55

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Wanessa Costa dos Santos

Camila Braga da Conceição

Raianny Oliveira da Silva

Nágila Alves da Silva

Elizete Cambraia Oliveira

Julienne Abreu da Silva

Jucilene Márcia Rameiro de Araújo Cruz

Maria do Carmo dos Santos Silva Ramos

Tatiane da Conceição Silva

Aurineia Barbosa da Silva

DOI 10.22533/at.ed.7412127015

CAPÍTULO 6	64
AÇÕES EDUCADORAS ARTICULADAS EM AUTOGESTÃO: DOS VÍNCULOS AOS COLETIVOS DE UMA ESCOLA WALDORF	
Tereza de Magalhães Bredariol	
Rayanne Suim Francisco	
Alexandra Cleopatre Tsallis	
DOI 10.22533/at.ed.7412127016	
CAPÍTULO 7	76
A CONSTRUÇÃO DE CORDÉIS PEDAGÓGICOS: UMA PRÁTICA DE EXTENSÃO EM EVIDÊNCIA PARA PROFESSORES DA CEEJA ATRAVÉS DO PICP	
Marilza Sales Costa	
Maria Luzia do Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7412127017	
CAPÍTULO 8	90
GAMES EDUCATIVOS: DIFERENTES FERRAMENTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	
Gislaine Beretta	
Tatiane Beretta	
Bruna de Oliveira Bortolini	
Juliano Bitencourt Campos	
DOI 10.22533/at.ed.7412127018	
CAPÍTULO 9	103
AS POLÍTICAS CURRICULARES CONTEMPORÂNEAS E A (RE)ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Elane Luís Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.7412127019	
CAPÍTULO 10	121
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO SEGUNDO VIGOTSKI: POSSIBILIDADE DE SUPERAÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR	
Denis Correa Ferminio	
Thaise de Oliveira	
Vidalcir Ortigara	
Vânia Vitória	
DOI 10.22533/at.ed.74121270110	
CAPÍTULO 11	132
O USO DO LÚDICO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Vanessa Cordeiro Hermogenio	
Jocitiel Dias da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.74121270111	
CAPÍTULO 12	143
A INFÂNCIA NEGRA E QUILOMBOLA NA PERSPECTIVA DA LEI 9.394/1996 EM	

ALCÂNTARA – MA

Ricardo Costa de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.74121270112

CAPÍTULO 13..... 154

A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NA CRIAÇÃO DO *CAMPUS* DA UECE NO SERTÃO DOS INHAMUNS

João Álcimo Viana Lima

DOI 10.22533/at.ed.74121270113

CAPÍTULO 14..... 166

DESENVOLVIMENTO DA ATITUDE CIENTÍFICA: UMA EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Vania Fernandes e Silva

Rosângela Veiga Júlio Ferreira

Ricardo Vicente da Cunha Júnior

Letícia Cunha Reis

DOI 10.22533/at.ed.74121270114

CAPÍTULO 15..... 172

“VELHO” E *NOVO MAIS EDUCAÇÃO*: AJUSTES NA FUNÇÃO DA ESCOLA AFEITOS AO CAPITAL?

Saraa César Mól

Cosme Leonardo Almeida Maciel

Ana Maria Clementino Jesus e Silva

Flávia Silva Martins

DOI 10.22533/at.ed.74121270115

CAPÍTULO 16..... 184

PROPOSTAS DE INSTRUMENTOS MEDIACIONAIS PARA FOMENTAR A QUALIDADE DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE DE SALA DE AULA VIRTUAL

Fernanda Maria Furst Signori

Alexsandro Barreto Gois

DOI 10.22533/at.ed.74121270116

CAPÍTULO 17..... 193

SOBRE SINCRONIAS, ENCONTROS E AFETOS – O MUNDO ENQUANTO SALA DE AULA ou A SALA DE AULA É O MUNDO

Angela Zamora Cilento

DOI 10.22533/at.ed.74121270117

CAPÍTULO 18..... 209

O USO DO CINEMA EM SALA DE AULA: UM DEBATE NECESSÁRIO NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS E NO TRABALHO DOCENTE

Douglas Soares Freitas

Manoel Messias Rodrigues Lopes

Suely dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.74121270118

CAPÍTULO 19	225
LET'S SING FOR A MULTICULTURAL EDUCATION Juan Rafael Muñoz Muñoz Javier González Martín DOI 10.22533/at.ed.74121270119	
CAPÍTULO 20	235
OFICINAS DE REFLEXÃO E ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS: INSTRUMENTOS DE PESQUISA NA ABORDAGEM QUALITATIVA NO ÂMBITO EDUCACIONAL Rosimeire Ferreira Diniz DOI 10.22533/at.ed.74121270120	
CAPÍTULO 21	244
RECURSOS DIDÁTICOS E A RESSIGNIFICAÇÃO DE CONCEITOS: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA Givaedina Moreira de Souza Cintia Dias de Mattos Toyoshima Maria Irene dos Anjos Souza da Silva Américo Junior Nunes da Silva Ana Maria Porto do Nascimento DOI 10.22533/at.ed.74121270121	
SOBRE O ORGANIZADOR	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

CAPÍTULO 8

GAMES EDUCATIVOS: DIFERENTES FERRAMENTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Data de aceite: 22/01/2021

Gislaine Beretta

Universidade do Extremo Sul Catarinense
(UNESC)
Professora no colégio Monsenhor Agenor
Neves e da Rede Municipal de Ensino de
Urussanga/SC
<http://lattes.cnpq.br/5506120196339853>

Tatiane Beretta

Universidade do Extremo Sul Catarinense
(UNESC)
Nova Veneza/SC
<http://lattes.cnpq.br/3469040854840407>

Bruna de Oliveira Bortolini

Doutora em Filosofia pelo Programa de
Pós Graduação em Filosofia da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul
(PUCRS)
Professora de Filosofia e da Área de Ética
e Conhecimento da Universidade de Passo
Fundo (UPF/RS)
Passo Fundo/RS
<http://lattes.cnpq.br/4339606514525212>

Juliano Bitencourt Campos

Doutor em Quaternário, Materiais e Culturas
pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto-
Douro, Portugal (UTAD), com reconhecimento
de diploma no Brasil de Doutor em Arqueologia
pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo (MAE/USP)
Professor do Programa de Pós-Graduação
em Ciências Ambientais da Universidade do
Extremo Sul Catarinense (PPGCA/UNESC)
Criciúma/SC
<http://lattes.cnpq.br/1475008321154560>
<https://orcid.org/0000-0002-0300-1303>

RESUMO: Tendo por base as significativas mudanças introduzidas na sociedade contemporânea por meio dos avanços tecnológicos, e os desafios encontrados pela educação para acompanhá-las e introduzi-las em suas matrizes. Traçamos como reflexão substancial deste trabalho, a necessidade da experimentação de novos métodos de abordagem educacional, como sugestão exploramos recursos didáticos baseados em *games*. A pesquisa procurou analisar as potencialidades do uso de jogos em associação a outros métodos, no processo de aprendizagem, se baseando em experiências pedagógicas de professores da disciplina História. Nesta perspectiva podemos afirmar que os jogos se mostraram bastante atrativos e eficientes, principalmente por contribuir para o processo de aprendizado e autonomia com base na resolução de problemas

PALAVRAS-CHAVE: *Games*, educação, metodologia.

EDUCATIONAL GAMES: DIFFERENT TOOLS FOR TEACHING HISTORY

ABSTRACT: Based on the significant changes introduced in contemporary society through technological advances and the challenges encountered by education to accompany them and introduce them into their matrices. We setting as a substantial reflection of this article, the need to experiment with new methods of educational approach, as a suggestion we explore educational resources based on games. This research sought to analyze the potentialities of the use of games in association with other methods, in the learning process, based on pedagogical experiences of

teachers of the discipline History. In this perspective, we can affirm that the games were very attractive and efficient, mainly because they contribute to the process of learning and autonomy based on the solve problems.

KEYWORDS: Games, education, methodology.

INTRODUÇÃO

A palavra história em suas raízes tem origem grega e significa investigação, este termo designa fielmente a representação da mesma, que trata da investigação de um passado em que não vivemos e que pouco se conhece. De acordo com Walter Benjamin (1985), mesmo articulando o passado historicamente, não é possível de fato conhecê-lo em sua totalidade. Quando falamos que pouco se conhece do passado não estamos propagando nenhuma inverdade, ao contrário, estamos hoje admitindo que o campo da história é bastante amplo e por muito tempo enalteceu figuras ditas superiores, contextos oficiais, tradicionais. A história é fluida e proativa e é construída por todos os tipos de sujeitos, por este motivo, investigar o passado com responsabilidade é algo provocativo, só não é mais desafiador do que proporcionar entendimento deste contexto de uma forma criativa e estimulante.

Lecionar assim como a própria história é uma tarefa que exige dedicação e constante aprimoramento, principalmente em sociedades dinâmicas e complexas como a que vivemos, quando os alunos estão conectados as mais diversas tecnologias e perdem com facilidade o interesse nas propostas pedagógicas apresentadas. Atualmente os alunos não possuem as mesmas aspirações e não interagem da mesma forma que gerações passadas, este fato é fulminante para que o aperfeiçoamento profissional do professor necessite ser constante.

De acordo com esta lógica as aulas ditas tradicionais se tornam fatigantes tanto para professores quanto para os alunos. Pensar em propostas que superem estes desafios se tornou uma provocação. Pensando nisso nos cabe o questionamento: o uso de ferramentas como os *games* educativos sejam eles analógicos ou tecnológicos podem ser considerados aliados ao ensino aprendizagem?

Ao considerar o perfil das crianças e jovens desta era globalizada, em que a informação é apresentada literalmente na palma da mão, e onde recursos e interesses sofrem mudanças sem precedentes, é praticamente impossível continuar aplicando métodos e recursos didáticos desatualizados ou descontextualizados em sala de aula. Por este motivo uma resposta para situação mencionada acima, é a afirmativa de que, os *games* falam diretamente com a vivência e com a realidade das crianças e jovens e possivelmente suprem as entrelinhas deixadas pela educação tradicional, tornando o ensino aprendizagem lúdico e interessante.

O tema escolhido pretende, portanto, entender as formas e ferramentas mais

eficazes de ensino aprendizagem para a disciplina de história, além da construção histórica e social da infância e das ações da tecnologia sobre as mesmas.

O presente texto contará com três partes, a primeira se refere à educação e a infância, levantaremos um breve panorama da infância ao longo da história, e a sua relação com a educação. Na segunda abordaremos a educação na era digital, seus desafios e superações, dando ênfase ao ensino de história. Seguindo a pesquisa finalizaremos dedicado as ferramentas educativas, no caso os *games*, analíticos e tecnológicos, e suas práticas em sala de aula na disciplina de história.

EDUCAÇÃO E INFÂNCIA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

De acordo com o dicionário Aurélio, o termo criança corresponde ao ser humano, desde seu nascimento, até a puberdade. É inegável que esta fase da vida seja repleta de descobrimentos. Na infância o sujeito começa seu processo de socialização, aprende regras e é iniciado em um contexto social mais amplo, se relacionando com pessoas diferentes do seu núcleo familiar. Hoje em dia existe uma grande preocupação com o bem-estar e segurança das crianças, situação que nem sempre ocorreu desta forma, já que a própria denominação deste termo, por um longo período da história sequer existiu.

A própria designação, “criança”, foi concebida historicamente a pouco tempo, antes elas eram entendidas como pequenos adultos, resumidamente tinham muitas obrigações e poucos direitos. Segundo Nascimento, Brancher e Oliveira (2007, p.04) Durante a Idade Média, antes da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa.

O advento da Idade Moderna trouxe consigo um ar de transformação em várias áreas e saberes, inclusive no que se diz respeito a infância. Conforme Sarmento (2004) a ideia de infância é uma ideia moderna, que se difere do limbo das existências na qual era submetida na Idade Média. A preocupação e valorização do homem como um ser que conduz e produz seu conhecimento, criou, ou simplesmente nomeou a fase da primeira idade como infância, sendo que os indivíduos que por ela são representados, agora passam a ser, vistos como sujeitos, dotados de inocência e fragilidade, que necessitam de atenção e principalmente proteção. De acordo com Costa:

Nesses discursos foram identificadas como concepção hegemônica a ideia da infância como fase da vida de inocência e a preocupação com a formação do adulto. A infância como um tempo de preparação para o futuro está associada à emergência da escola, também na modernidade. (2015, p. 03)

Como mencionado anteriormente, a Idade Moderna foi um período de mudanças de paradigmas, rupturas que transformaram a vida em sociedade. Dentro das alterações ocorridas no campo da infância, podemos destacar aquelas relacionadas a área pedagógica. Foi neste período que a preocupação com um ensino universalizado e gratuito entrou em

pauta, porém de uma forma ainda sutil. É visível que a educação se tornou algo muito importante nesta época.

É impressionante a preocupação com a educação no Renascimento (sobretudo em comparação com a Idade Média), não só pela produção teórica dos pedagogos, mas principalmente pela proliferação de colégios e manuais para alunos e professores. Educar-se torna-se uma questão de moda e uma exigência dentro da nova concepção do homem (ARANHA, 1989, p. 94).

No Brasil a educação também caminhou a passos lentos, sendo que no início do processo colonial as escolas fundadas em território brasileiro eram na sua maioria jesuíticas. De acordo com Silva (2010), entre os anos 1554 a 1759, as principais escolas de instrução elementar foram fundadas por religiosos ligados a Companhia de Jesus. Esse sistema seguiu operando até o final do século XVIII, quando os jesuítas foram expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal. Desta forma, a educação no país seguiu avanços e retrocessos, até o desencadear da Proclamação da República e o advento da modernidade urbana, seguido pelo êxodo rural, ocorrido no início do século XX. Segundo Ribeiro:

Os primeiros anos da República caracterizaram-se por várias propostas educacionais, visando a inovação do ensino. A Reforma de Benjamin Constant, bastante ampla, que dentre outras mudanças, propunha a inclusão de disciplinas científicas nos currículos e dava maior organização aos vários níveis do sistema educacional, não foi posta em prática, e como cita Romanelli, “faltava para sua execução”. (1993, p. 42)

No ano de 1930 foi criado no Brasil o Ministério da Educação, com isso nos cabe pensar que a educação finalmente avançou quanto a abrangência e qualidade, porém isso não ocorreu do dia para noite. No ano de 1945 com o fim do governo Getulista e a nomeação de Eurico Gaspar Dutra para a presidência, a educação ganhou outros olhares, como menciona Ribeiro:

Em 1945, Getúlio Vargas é derrubado do poder e o Brasil passa por um período democrático, quando eleições livres são realizadas e o general Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente da República. Neste período, o ensino primário, que desde 1827, com a reforma de Cunha Barbosa, não recebia atenção do Governo Federal, sofreu uma reestruturação através de decreto-lei chamado Lei Orgânica do Ensino Primário, que “renovava” aqueles princípios estabelecidos pelos pioneiros no seu manifesto de 1932. Também o Ensino Normal, que até então era alçada dos estados, foi centralizado através da Lei Orgânica do Ensino Normal. (1993, p. 24)

Com o fortalecimento dessas mudanças, na década de 60 são estabelecidas as Diretrizes da Educação Nacional pela lei nº4024. As transformações foram avançando, contudo de forma pouco significativa. Além disso, a educação no Brasil, levou tempo para adquirir sua própria personalidade, isso quer dizer, que a mesma se baseou em conceitos europeizados, elitistas, que enalteciam personagens poderosos, criando uma falsa

sensação e convencimento de que tudo que estava nos livros era fielmente a verdade. Assim a educação prosseguiu, repetindo histórias de forma automática, sem compromisso com a verdade, sem o entusiasmo necessário para encantar os jovens estudantes. E foi desta forma que essa se encontrou com as crianças, que a partir deste cenário se tornaram jovens desinteressados¹, ainda mais no tempo do agora, pois esses indivíduos são incessantemente estimulados pelas múltiplas e instantâneas informações proporcionadas pela tecnologia, não vendo mais sentido no modo de ensino tradicional.

No entanto, isso não deve findar as esperanças dos educadores, já que contamos constantemente com novas “levas” de estudantes, que ainda possuem essa natureza infantil, que se envolvem com mais facilidade em atividade que além de reflexivas, também sejam lúdicas, dinâmicas, manuais, etc. Além disso é possível (re)pensar a educação, e por fim no ensino como mera transmissão e reprodução de conteúdo, que ignora o educando como um ser ativo, participativo, formador, curioso e explorador. Desta forma seria possível modificar este cenário que está instalado, isto é, cenário onde os jovens se sentem desinteressados pelo ensino.

AS MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO E A ERA DIGITAL: DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

A história se modifica a cada dia, chega ser curioso estudá-la, pois é como ser protagonista e também expectador, é (re)descobrir em cada fragmento parte de um todo. Essas transformações só são possíveis pois o responsável por elas, o homem, também se transforma e transforma suas interpretações de mundo, quebra paradigmas, inventa, destrói, descarta, tudo com a mesma intensidade. Essas mudanças chegam de maneira avassaladora, mexem com estruturas sólidas, a informação se torna moeda de troca, o longe fica perto e o essencial passa a dar lugar ao fútil, ao descartável.

Como já foi mencionado acima, a história se modifica, as pessoas mudam, o mundo e as instituições se alteram, e o historiador? E o modo como estudamos e produzimos, também sofre com a metamorfose do tempo? Podemos dizer que sim, o historiador muda seu olhar, varia seu modo de pesquisa, converte suas ideologias, pois nada no mundo é estático e imutável, assim como já afirmava o antigo filósofo Heráclito, e seria injusto e superficial afirmar que este profissional vive apenas de “passado”. O modo como a história é estudada e entendida também se alterou, antes somente se compreendia e se dava crédito a história perfeitamente documentada, geralmente uma versão que beneficiava poucos, os ditos “homens de bem”, os “heróis nacionais”. De acordo com Alves e Rosa (2016, p. 36), por anos o ensino de História no Brasil evidenciou a mecanização da aprendizagem, em outras palavras, o aprender relacionado ao ato de decorar datas, nomes e os grandes feitos. Agora, podemos estender as possibilidades, abrir o nosso leque, expandir o que é

¹ Importante destacar que este é apenas um dos fatores pelos quais o desinteresse dos estudantes ocorre, pois sabemos que existem outros ligados a questões familiares, econômicas, sociais, etc.

pesquisado, e dar visibilidade a outras versões da história, proporcionando novas reflexões do passado em diálogo com o presente. Mas seria possível afirmar que essas transformações tão significantes, chegaram ao campo escolar, onde a educação bebe de certa forma, do resultado dessas pesquisas? E o desenvolvimento tecnológico proporcionado pelo homem, também foi sentido e inserido dentro das unidades escolares brasileiras?

Os velhos marcos históricos estão sendo revistos, mesmo que paulatinamente, podendo-se introduzir uma história da Antiguidade pelas sociedades indígenas, pela diversidade de uma história econômica da agricultura ou por uma história social pelo trabalho escravo criador das riquezas que sustentam o sistema capitalista do mercantilismo ao neoliberalismo, de uma história das sociedades constituídas antes do aparecimento da escrita, da formação de uma civilização americana miscigenada. (BITTENCOURT, 2018. p.142)

A educação experimentou das transformações conceituais, de currículo e também daquelas oriundas da globalização e das inovações tecnológicas. Se sabe que a escola é uma das instituições mais relutantes quanto a mudanças em suas estruturas, por este motivo não é difícil compreender que essa associou as transformações de forma lenta e gradual. As inovações nas suas grades e currículos foram assimiladas aos poucos, tivemos progressos e também retrocessos, porém podemos afirmar que os modelos engessados e tradicionais de ensino estão sendo repensados e superados. Em relação aos avanços tecnológicos, não podemos medir precisamente ou comparar os níveis de desenvolvimento pelos quais a educação brasileira anda, já que existem vários “Brasis” dentro do Brasil, com realidades diferentes e oportunidades, por vezes, desiguais.

Se queremos provar que a escola é burocrática, amarrada e engessada, encontraremos mil exemplos de lentidão de gestão, de um verdadeiro cipoal de normas, leis, portarias, decretos federais, estaduais e municipais; de quebra de continuidade de projetos com a entrada de novos governantes. A escola é uma das instituições mais resistentes à mudança, junto com as grandes igrejas tradicionais. (MORAN, 2007. p.13)

O professor sempre precisou se adaptar às mudanças pedagógicas e tecnológicas ou a ausência das mesmas, a diferença é que hoje, a frequência e a velocidade que elas acontecem dificulta esta assimilação, é como se vivessem em uma eterna corrida, sendo que aqueles que não se adaptam acabam ficando para trás. Segundo Moretto e Dameto (2017. p. 79,80), com a rapidez que os conhecimentos mudam, não podemos resolver um problema novo com apenas fórmulas antigas. A educação necessita se reformular, pois a sociedade como um todo caminha para era digital, e não seguir está corrente é nadar contra ela. O perfil dos educandos nos prova como isso já é realidade, o imediatismo se tornou característica comum entre os jovens, isso é reflexo nítido da velocidade que a informação lhes chega as mãos.

O maior desafio da escola contemporânea é acompanhar e dar sentido a batelada de informações por vezes fragmentadas, que são produzidas pelos mais diversos tipos

de fontes, sendo elas, fontes sérias, sensacionalistas, tendenciosas, entre outras, que se espalham em frações de segundos pelas mídias tecnológicas. Se deixarmos nossos educandos se informarem somente daquilo que veem, escutam e leem, sem orientação, dificilmente conseguiríamos fazê-los entender que informação e conhecimento são coisas diferentes, que ser uma pessoa muito informada, não lhes adverte de viver na ignorância. Sobre isso, Moretto de Dameto (2017. p. 80) afirmam que, o professor possui a didática necessária para explicar os conteúdos e gerar situações que viabilizam ao aluno a internalização do conhecimento, pois apenas ter acesso a algo não garante a sua aprendizagem.

Com todas essas inovações e informações, aliar um ensino de qualidade que gere interesse ao aluno se tornou um desafio, principalmente quando tratamos da disciplina de história, que na maioria do tempo trabalha, dentre outros assuntos, com um passado abstrato. Com um mundo de possibilidades, o educando acaba por escolher aquilo que lhe convém aprender, o que lhe gera de fato interesse, suas dúvidas não necessitam mais serem sanadas exclusivamente pelo professor, pois diversas ferramentas online suprem esta necessidade, talvez isso seja encarado como um meio facilitador, pois sem a devida orientação talvez seja apenas isso mesmo. Muitos recorrem a filmes e séries para melhor compreender ou substituir a explicação de um conteúdo, não que isso não seja interessante, porém sem a devida contextualização e análise crítica do teor de veracidade, os mesmos não passam de mero entretenimento. Essas ferramentas comparadas ao ensino tradicional travam uma disputa quase que desonesta, e fica nítido quem sairia vitorioso desta batalha, já que hoje lidamos com uma nova geração de educandos que nasceram e cresceram durante ou depois dessas transformações na tecnologia e veem nelas a normalidade. Já que as mudanças são inevitáveis, por que não se utilizar destes mecanismos em sala de aula? Por que não facilitar o trabalho do professor e por consequência reconquistar o interesse de nossos alunos?

Os alunos da era digital acabam perdendo o interesse naquilo que não é dinâmico e interativo, em função disso, a escola deve romper barreiras e amarras antigas e auxiliar os professores a superar o receio em relação às tecnologias digitais (MORETTO, DAMETO. 2017. p. 83). A era digital nos trouxe progressos imensuráveis, porém trouxe consigo novos desafios para educação. Ideal seria se a educação de fato pudesse absorver todas as novidades oriundas da era digital, sonho maior seria de que todas as crianças e adolescentes tivessem acesso a elas. Sabemos que essas modificações já são uma constante, contudo em algumas realidades, coisas básicas como um simples quadro negro ainda é tecnologia de ponta.

(Re)pensar a educação de uma forma que abrace as novas e antigas realidades é uma obrigação de todos, o professor como linha de frente deste desafio talvez tenha o papel mais importante nesta cadeia. Aliar o novo com o tradicional, introduzir ferramentas tecnológicas ou analógicas, proporcionar entendimento e interesse aos novos perfis de

alunos, para que a educação de qualidade resista em meio as mudanças.

GAMES EDUCATIVOS: PRÁTICAS EM SALA DE AULA

Os primeiros contados com o meio lúdico acontecem na mais tenra infância, por meio de objetos que são apresentados e introduzidos ao cotidiano das crianças de forma a distrai-las ou envolvê-las em brincadeiras. Neste período a criança participa de forma passiva do processo de socialização e interação com aquilo que lhe é apresentado. Porém, no decorrer do tempo o entendimento sobre as funcionalidades e significações desses objetos se tornam menos complexos e mais acessíveis, e a criança aos poucos vai compreendendo e criando formas de como usar e inserir estes itens no seu entretenimento. Segundo Araújo (2019. p. 85) esse processo, se dá pelo movimento de fuga da realidade para um campo fictício do viver. Na sua interpretação da realidade, a criança busca reproduzir o mundo adulto, as brincadeiras tratam de repetir situações cotidianas, de certa forma que acabam por reforçar valores, crenças e modelos que sustentam a sociedade. Sobre isso, Barros (2015. p. 73), conclui que nos seus trabalhos-jogos, exercitam os papéis sociais: os casamentos, as famílias, os nascimentos, os cuidados e a educação dos filhos, a escola, as doenças das bonecas, os funerais.

Segundo Meira (2003. p.75), em sua pesquisa sobre Walter Benjamin e a Infância contemporânea, a memória e a prática do brincar mencionada acima, se encontra apagada pelo excesso de estímulos oferecidos incessantemente, em um ritmo veloz e instantâneo. Ainda segundo a autora o brincar passa por uma severa fragilização na sua configuração, já que na contemporaneidade a exigência por novidades em função dos imperativos de consumo são características frequentes (MEIRA, 2003. p. 76). É justamente esta miscelânea de indivíduos que recebemos nas escolas, com perfis distintos, porém com características comuns pertencentes as suas faixas etárias. Este contexto nos faz repensar as práticas pedagógicas até então empregadas, e nos sugere repaginá-las a fim de (re) introduzir a leveza da brincadeira com jogos educativos, conectando-os com as tecnologias disponíveis, a fim de tornar a educação e o aprendizado, mais lúdico e atrativo.

Os jogos ou *games*, fazem parte do cotidiano das crianças e jovens contemporâneos, sendo muito populares e facilmente decifráveis por esses, isso acontece independentemente do grau de dificuldade que apresentem, popularmente falando “ resolvem os problemas como se já nascessem sabendo”. Se para eles é tão fácil, superar as dificuldades e desafios apresentados nos jogos, por que não os introduzir nas salas de aula, hibridando com ferramentas educativas tradicionais? O *game* muito além de incentivar a competição² estabelece uma construção do saber, sendo que desperta entre outras coisas; autonomia, interatividade, contextualização de conteúdo, criatividade, resolução de problemas, além

2 No contexto escolar, o termo competição não sugere o incentivo a práticas individualistas, que gerem rivalidade e concorrência. Neste ambiente a conjuntura competitiva encoraja a participação e o cooperativismo.

disso o aluno desenvolve uma consciência educacional com habilidades adequadas para aprender sozinho e selecionar, de forma conduzida pelo professor, o que deseja aprender. (MENDES, 2018. p. 05)

Destacam-se os seguintes: afinidade, interatividade, produção, tomada de riscos, customização, ação, ordenação dos problemas, desafio e fusão, atuação sob demanda apresentando informações necessárias no momento adequado, conteúdos contextualizados, frustração, aprendizagem prazerosa, pensamento organizado, revisão dos objetivos, equipes multifuncionais e desempenho antes da competência. Nesta experiência destacam-se, ainda, resultados notáveis com atitude agradável na competitividade e clima estimulante de participação nas atividades. (MENDES, 2018. p. 03)

Ainda de acordo com Reis e Bitencourt:

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), referentes ao ensino fundamental, os jogos são apontados como uma ferramenta para o desenvolvimento como um todo, sendo citados em cadernos separados por matérias mediante a articulação entre o conhecimento e o imaginário, podendo ser desenvolvido o autoconhecimento. (2016, p. 934)

Aulas diferenciadas com jogos descomplicados como o simples exemplo de uma competição onde o educando necessite manusear diferentes instrumentos para descascar batatas, podem permitir, de uma forma lúdica, o melhor entendimento de alguns temas, como neste caso a Revolução Industrial, assim como mencionado e executado em aula pelo professor Araújo na disciplina de história, e publicado no ano de 2019 com o título, *“Nunca foi tão divertido descascar batatas”: os jogos como possibilidade a ser explorada no ensino de história*. Segundo o docente, o objetivo era promover uma experiência prática que permitisse aos alunos vislumbrar a importância da tecnologia no desenvolvimento das atividades produtivas e operadas pela Revolução Industrial (ARAUJO, 2019. p.83). Entre outras experiências em sala de aula podemos destacar o uso de jogos de tabuleiro, como “Terras do sol”, também aplicado pelo mesmo professor, com intuito de ensinar e esclarecer novas temporalidades das várias Áfricas, antes do tráfico de escravos. Segundo Araújo (2019. p. 87), nesta atividade são apresentados aos alunos outros personagens, regiões, mitos e religiosidades, em um jogo que mescla cartas com peças que se movimentam por um tabuleiro.

Outra experiência com jogos de tabuleiro, foi relatada por Reis e Bitencourt, a atividade em questão foi pensada para suprir deficiências, como falta de interesse, subtração de notas e conteúdo limitado e deficitário no ensino de História do Brasil.

O jogo é composto por um tabuleiro, cards, dados e pinos, onde os jogadores irão responder perguntas sobre os personagens da e o contexto histórico da época. Jogam seis pessoas, sendo uma delas o líder, e os outros cinco irão competir entre si, os jogadores irão responder as perguntas que o líder fará e percorrer as casas no tabuleiro, sendo que o jogo apresenta cards dos personagens que serão bonificações que premiarão com moedas o jogador,

conforme as casas do tabuleiro percorridas. O objetivo dos jogadores é chegar à última casa do tabuleiro com mais pontos e maior quantidades de moedas. (Reis - Bitencourt, 2016. p. 933).

Além dos jogos analógicos, podemos destacar os *games* digitais, como por exemplo o Kahoot. Esta é uma ferramenta de fácil acesso, que pode ser facilmente aplicada em sala de aula, possui potencial de envolver e manter a participação dos alunos, além de avaliar conteúdos estudados, já que a mesma se trata de uma sequência de questionários com perguntas e respostas curtas. O fator gerador de interesse deste jogo é justamente a competitividade, já que ele gera um ranking de colocação, se organizando de forma decrescente de acordo com as respostas corretas. Além disso, oportuniza ao professor melhor compreensão das dificuldades dos seus educandos em determinados conteúdos, já que os erros mais frequentes no jogo, podem ser retomados em forma de aula expositiva ou reforço. Esta ferramenta pode ser aplicada em qualquer matéria com qualquer tema. Segundo Mendes (2018. p.7), este tipo de atividade permite, de forma pontual e imediata, fazer as devidas correções de compreensão e assimilação na construção do conhecimento.

Para além dos jogos digitais educativos, também é possível encontrar no mercado aqueles que deem ênfase ao entretenimento. Esses tipos de *games*, são geralmente desenvolvidos com fins comerciais, por mais que em alguns casos sejam produzidos com base em fatos históricos, não podem ser considerados de fato pedagógicos. É necessário problematizar a questão destes jogos não manterem a fidelidade quanto aos acontecimentos factuais, pois geralmente os alunos os confundem, principalmente tratando de protagonistas e outras narrativas, que são pensadas com intuito de deixar o jogo mais atraente e competitivo. Porém, existem muitos jogos de entretenimento que podem ser empregados dentro ou fora da sala de aula como instrumento de subsídio da aula aplicada, basta apenas que o professor faça uma análise prévia do teor do mesmo.

A utilização dos jogos mencionados acima, se mostrou bastante eficaz e alcançou os objetivos propostos por aqueles que os ministravam, como problematizar novos lugares de fala, propor interação, participação, suprir defasagens de conteúdo, bem como promover a autonomia e oportunizar a geração de conhecimento. Podemos afirmar que este tipo de estratégia facilita a construção de novas narrativas, rompendo correntes e criando pontes entre o ensino e a aprendizagem. Além do que já foi citado, estes recursos desenvolvem a criatividade e a imaginação bem como estimulam no discente o contemplativo mundo lúdico vivido na infância. O uso de imagens cria vinculações entre educando e conhecimento cognitivo, desempenhando um papel relevante, pois, constituem elos significantes, na ligação entre o conhecimento histórico e a sensibilidade do educando. (Martins, Júnior, Silva, 2016. p. 305).

É notório o potencial que a gamificação expressa diante do contexto educacional, principalmente quando ponderamos a realidade da educação Brasileira atual, sobretudo a desmotivação dos alunos e professores. A

gamificação propõe ao contexto de ensino aprendizagem estimular a motivação e o interesse do aluno, o que proporciona uma maior qualidade educacional, pois a partir disto, os alunos podem dedicar-se intensamente a uma atividade a qual lhe desperta interesse e conseqüentemente um provável envolvimento/engajamento, o que lhe proporcionará maiores chances de sucesso quanto aos objetivos traçados. (Martins – Júnior -Silva, 2016, p 306).

A utilização destes mecanismos não vem para substituir a educação tradicional, nem para torná-la mais superficial, a ideia de seu uso é propor uma alternativa, que faça aliança com os métodos até então utilizados, visando suprir carências deixadas por esses. Como mencionado ao longo da pesquisa, é evidente que nossos educandos mudaram, e continuarão mudando, por este fundamento é injustificável ficar ancorado as mesmas metodologias, estratégias e ferramentas didáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos desta pesquisa foi analisar o contexto histórico pelo qual trilhou a infância, bem como as características intrínsecas desta fase da vida, enfatizadas em contextos lúdicos em que os brinquedos e jogos se tornam ferramentas de socialização. Dentro desta lógica, nos foi possível observar as transições apresentadas neste estágio, principalmente quando inseridas novas tecnologias. Desta forma foi possível entender que essas associações interferem diretamente nas práticas pedagógicas. Logo, a necessidade de (re)pensá-las se torna inevitável. Segundo este entendimento, buscamos compreender de que forma o ensino de história encarou a inclusão dessas técnicas, e como esse vem se (re)construindo, para contemplá-las em sua prática.

O avanço tecnológico foi um dos grandes protagonistas nas mudanças de comportamento e pensamento das sociedades, por este motivo, buscamos demonstrar uma maneira eficiente de utilizá-lo dentro do contexto de ensino-aprendizagem. Como os games se tornaram naturais visto às práticas sociais das crianças e jovens contemporâneos, apontamos maneiras de utilizá-los como ferramentas auxiliares da educação. Desta forma, defendemos o uso de games analógicos e tecnológicos com fins didático-pedagógicos, analisando experiências com estes recursos em sala de aula, aspecto que possibilitou perceber que esta prática envolveu de maneira eficaz os alunos, tornando-os mais participativos, dinâmicos e autônomos. Essas ferramentas trazem novas opções pedagógicas, em um cenário basicamente tradicional, onde o desestímulo e apatia do discente é uma realidade constante.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carlos Jordan Lapa, ROSA, Geder da Rocha. **Uma reflexão sobre o ensino de história: um estudo de caso do processo de ensino-aprendizagem**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades, 2016. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n11/artigo3.pdf>>. Acesso em 21 de outubro de 2020.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989

ARAUJO, Rodrigo Cardoso Soares de. “**Nunca foi tão divertido descascar batatas**”: os jogos como possibilidade a ser explorada no ensino de história. Minas Gerais: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, 2019. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/19351>>. Acesso em 17 de outubro de 2020.

BARROS, Rosley Sulek Buche. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e a resiliência**, Mato Grosso, UNIVAG, 2015. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/271-1036-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/271-1036-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BIANCHETTI, Cleber, MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli. **Aprendizagem baseada em games: um relato de experiência no ensino de história**. Curitiba, Paraná, 2018. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2018/anais/trabalhos/6246.pdf>> Acesso em 16 de outubro de 2020.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Reflexões sobre o ensino de História**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152562>>. Acesso em 21 de outubro de 2020.

COSTA, Marli de Oliveira. **Infância e “artes” das crianças: memórias, discursos e fazeres** (sul de Santa Catarina - 1920 a 1950). 2009. 293 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009.

MARTINS, Daize Marinho et al. **A gamificação no ensino de história: o jogo “legend of zelda” na abordagem sobre medievalismo**. Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4815/481554871025.pdf>>. Acesso 14 de outubro de 2020.

MEIRA, Ana Marta. **Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea**. 2003, vol.15, n.2, pp.74-87. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822003000200006&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. São Paulo; Papiro, 2ª edição, 2007.

MORETTO, Machado. DAMETTO, Jarbas. **Desafios educacionais da era digital: adversidades e possibilidades do uso da tecnologia na prática docente**. Erechim, RS: URICER, 2018. Disponível em <http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/160_736.pdf>. Acesso em 16 de outubro de 2020.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do, BRANCHER, Vantoir Roberto, OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Histórias de vida na infância: desvelando caminhos, descobrindo possibilidades**. Santa Maria, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/VIDYA/article/viewFile/349/323>>. Acesso 05 de outubro de 2020.

REIS, Fernanda de Melo. BITENCOURT, Ricardo Barbosa. **Games no Ensino de História: Aplicação na Disciplina de História no Ensino Fundamental**. São Paulo, 2016. Disponível em <<http://www.sbgames.org/sbgames2016/downloads/anais/157378.pdf>>. Acesso em 17 de outubro de 2020.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão**. Paidéia, Ribeirão Preto, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1993000100003>. Acesso em 17 de outubro de 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2004). “**As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade**”, in Sarmento, Manuel J. e Cerisara, Beatriz, Crianças e Miúdos – Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Edições ASA.

SEKKEL, Marie Claire. **O brincar e a invenção do mundo em Walter Benjamin e Donald Winnicott**. São Paulo: USP, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pusp/v27n1/1678-5177-pusp-27-01-00086.pdf>>. Acesso 20 de outubro de 2020.

SILVA, Odair Vieira da. **Trajatória histórica da educação escolar brasileira: análise reflexiva sobre as políticas públicas de educação em tempo integral**. Garça, São Paulo: Faculdade de Ciências Humanas de Garça FAHU/FAEF, 2010. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/RZlpLbZvikizJtb_2013-7-10-12-0-56.pdf>. Acesso em 15 de outubro de 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem qualitativa 38, 43, 174, 235, 236, 237

AEE 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Afetos 69, 193, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 208

Alcântara 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 153

Alfabetização científica 166, 167, 168

Ambiente de aprendizagem virtual 184

Aprendizagem 1, 2, 5, 6, 13, 14, 15, 16, 17, 21, 23, 27, 31, 33, 56, 57, 60, 61, 62, 65, 66, 76, 77, 81, 85, 87, 90, 91, 92, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 114, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 149, 167, 170, 176, 177, 178, 179, 182, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 197, 209, 210, 212, 214, 217, 219, 223, 239, 240, 241, 245, 246, 247

Aprendizagem matemática 132, 138

Atitude científica 166, 167, 168, 169, 170

Autogestão 64, 65, 66, 67, 70, 74

C

Capital cultural 209, 214, 221

CECITEC 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

CEEJA 76, 77, 78, 79, 86, 87, 88

Cidadania 41, 65, 79, 85, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 113, 115, 116, 117, 174, 195, 243

Cinema 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Coronavírus 1, 2, 5, 10

Covid-19 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 18, 64, 70, 72, 135

Cultura 6, 7, 10, 15, 27, 42, 48, 53, 54, 69, 74, 80, 84, 85, 101, 104, 105, 112, 115, 116, 118, 119, 128, 139, 145, 149, 150, 151, 152, 157, 163, 168, 171, 177, 178, 185, 206, 209, 212, 213, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 241, 242, 251, 253

D

Desenvolvimento regional 38, 42, 47, 164

Docente 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 47, 49, 51, 52, 58, 60, 61, 76, 84, 87, 98, 101, 109, 111, 118, 130, 136, 140, 142, 170, 176, 181, 183, 195, 204, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 219, 241, 253

E

Educação 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 162, 164, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 191, 192, 193, 198, 199, 204, 206, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 232, 235, 238, 242, 243, 247, 251, 252, 253

Educação em tempo integral 102, 172, 173, 182, 183

Educação especial 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 124, 130

Educação integral 89, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183

Educação matemática 54, 132, 138, 247, 253

Educação online 184, 185

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 62, 66, 70, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 149, 150, 151, 155, 156, 157, 158, 161, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 174, 176, 178, 179, 180, 182, 185, 188, 189, 190, 193, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 212, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 239, 241, 242, 245, 246, 247, 250, 251, 253

Ensino de ciências 84, 167

Ensino remoto emergencial 1, 3, 4, 10

Ensino técnico 38, 39, 40, 46, 47, 48, 50, 51, 52

Entrevistas 38, 44, 45, 154, 155, 235, 237, 238, 240

Escolas Waldorf 66, 73

Espaço compósito 193, 195, 203

Espinosa 23, 193, 194, 195, 198, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208

Extensão 5, 76, 77, 78, 86, 88, 155, 158, 160, 165, 201, 202

F

Facilitador metodológico 132

Formação de professores 56, 61, 63, 78, 86, 105, 109, 111, 118, 123, 142, 150, 244, 246, 251, 252, 253

G

Games 90, 91, 92, 97, 99, 100, 101, 218

Governança 64, 65, 66, 71, 177

I

Inclusão escolar 57, 63, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130

Infância negra e quilombola 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152

Instrumentos lúdicos 132

Interação 5, 12, 16, 17, 28, 42, 88, 97, 99, 104, 115, 122, 127, 138, 150, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 216, 219, 226, 248

Interiorização universitária 154, 156, 161

L

LDB 9.394/96 85, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152

Legislação educacional 24, 35, 36, 151

M

Mercado 18, 27, 35, 39, 42, 48, 84, 99, 103, 108, 109, 110, 112, 114, 116, 123, 177, 187, 214

Metodologia 3, 53, 54, 58, 63, 68, 80, 82, 90, 130, 135, 136, 140, 141, 167, 189, 209, 216, 235, 236, 239, 240

Metodologia científica 53, 235

Mobilidade acadêmica internacional 38, 40, 48, 51, 52

Mudança 5, 19, 31, 42, 72, 95, 111, 114, 118, 128, 175, 184, 191, 224, 241

Multicultural interaction 225, 227, 229, 230, 231, 232

Musical education 225, 227, 228

N

Nietzsche 193, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 208

Nível de desenvolvimento atual 121, 129

O

Oficinas 70, 76, 235, 237, 239, 240, 241, 242

P

Pandemias 1, 3

PIBID 193, 194, 195, 204, 205, 206, 253

Políticas curriculares 103, 104, 113, 115, 116, 119

Políticas educacionais 6, 24, 25, 34, 35, 36, 38, 79, 109, 116, 119, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 172, 174, 180, 183, 209

Políticas públicas 9, 38, 76, 77, 86, 88, 103, 112, 113, 118, 119, 123, 153, 173, 175, 182, 210, 212, 251

Prática pedagógica 10, 68, 84, 103, 115, 137, 139, 140, 214

Processo dialético 184, 186, 189

Programa Mais Educação 172, 173, 174, 181, 182, 183

Programa Novo Mais Educação 172, 174, 178, 181, 182

R

Recursos didáticos 90, 91, 109, 244, 245, 246, 247, 250, 251

Reformas 20, 35, 80, 103, 104, 113, 114, 115, 116, 118

Relacionamentos interpessoais 184, 188

Ressignificação de conceitos 244, 246

S

Song 225, 227, 228, 229, 230, 231

T

Teletrabalho 1, 2, 3, 4, 9, 10

U

UECE 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165

V

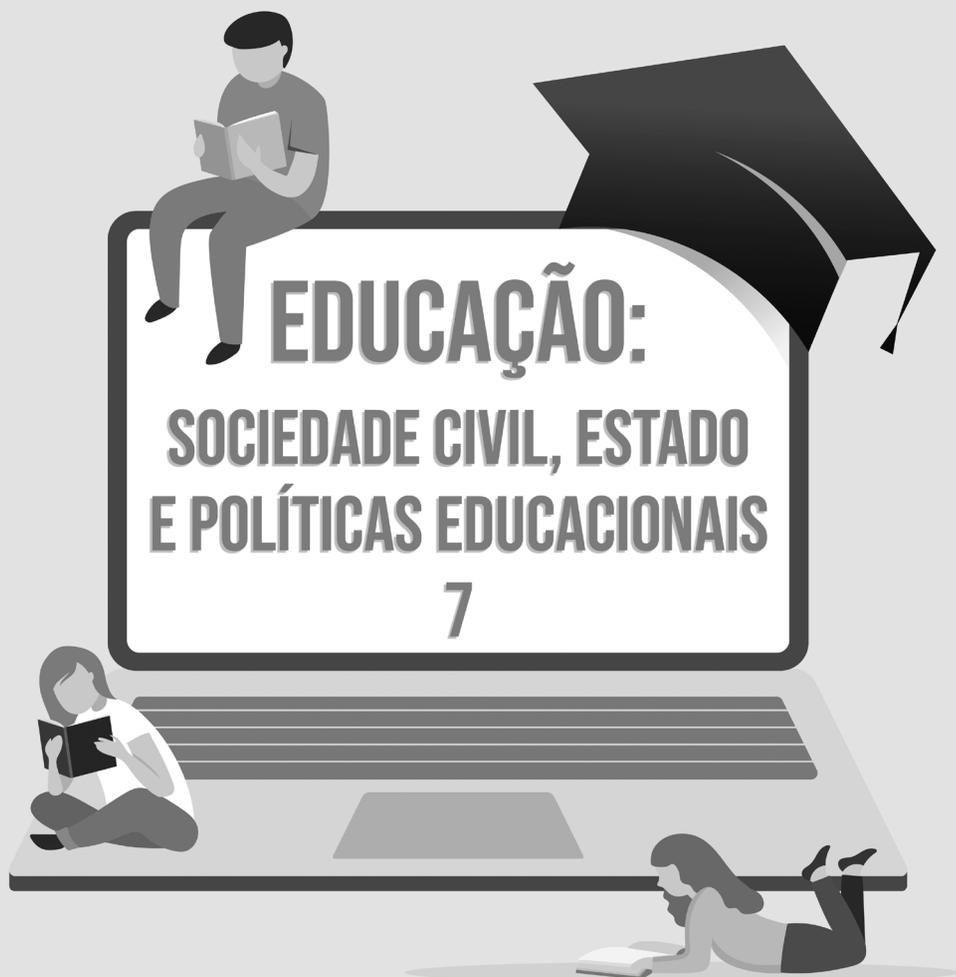
Valorização docente 24, 25, 26, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37

Values and emotions 225

Vínculos 64, 65, 69, 70, 71, 74, 189, 191

Z

Zona de desenvolvimento iminente 121, 122, 127, 129



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021